



A beleza como detonador da violência no Brasil

Lara Lopes COCCO¹

Matheus Moraes de OLIVEIRA²

Thais Claudia MARANGON³

Pedro Pinto de OLIVEIRA⁴

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discorrer sobre o valor da beleza como um gerador de ódio e atos de violência no cenário atual e analisar duas ocorrências de violência motivadas pela beleza. Dentro disso, procura-se explanar sobre as páginas nas redes sociais que reproduzem discurso de ódio e brutalidade voltados contra o sexo feminino, em ações de violência praticadas entre as próprias mulheres. As perguntas condutoras são: como a beleza pode gerar ações de violência contra o próprio sujeito? Por que a beleza passa a ser um valor negativo, gerador de ressentimentos, ódios e violência? Na análise comunicacional, usamos como conceitos operadores as noções de enquadramento, em Goffman, e de valores, em Dewey.

Palavras-chave: Comunicação. Internet. Enquadramento. Valor. Beleza. Violência

Introdução

O objeto de estudo deste artigo é a beleza como geradora de hostilidade. Vê-se que, ao longo da história, é possível traçar inúmeros padrões de beleza, que se moldam conforme os pensamentos dos homens e o contexto sociocultural em que estão inseridos. No decorrer do artigo, isso será explanado com mais detalhes, acompanhado de um histórico sobre os padrões que vigoraram em certos períodos e com base teórica de Umberto Eco para estabelecer uma noção sobre a beleza. Este artigo tem por finalidade analisar dois casos de agressão, ocorridos em 2014, os quais mostram meninas que sofreram por serem moldes de beleza que se adequam ao padrão vigente do que é considerado belo. Essas ocorrências serão tratadas a partir de conceitos como: a beleza como um valor negativo, o enquadramento da situação e os valores presentes nas

¹ Estudante do 2º Semestre de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda na Universidade Federal de Mato Grosso, email: laralopescocco@hotmail.com.

² Estudante do 2º Semestre de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda na Universidade Federal de Mato Grosso, email: matheus_moliveira@live.com.

³ Estudante do 2º Semestre de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda na Universidade Federal de Mato Grosso, email: tata.marangon@gmail.com.

⁴ Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso, email: ppo@terra.com.br.



interações. Será mostrado também um olhar comunicacional por meio de reportagens, postagens e comentários - pesquisados - sobre a questão da violência, com foco nos casos das meninas violentadas. E, por fim, serão destacadas páginas das redes sociais que têm grande destaque, exercem influência sobre as garotas e acabam contribuindo para que esses casos de brutalidade e selvageria se tornem cada vez mais frequentes.

Procedimentos metodológicos

A fundamentação teórica para a análise comunicacional foi estruturada através de uma pesquisa bibliográfica de livros referentes à beleza e seu histórico, sendo estes “História da Feiura” e “História da Beleza”, do escritor Umberto Eco, e obras da autora ligada aos estudos da comunicação, “A TV e a dança de valores: roteiro analítico para tratar da relação entre televisão e sociedade”, da professora doutora Vera Regina Veiga França. Como os conceitos operadores, incorporamos os textos “O que é performance”, de Richard Schechner, e “Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito”, de Ricardo Fabrino Mendonça e Paula Guimarães Simões.

Para a realização da descrição analítica dos casos estudados no artigo, foram levantadas informações provenientes de sites de notícias, vídeos divulgados na internet, reportagens de emissoras locais afiliadas a emissoras maiores, que também fizeram parte da pesquisa. Os casos coletados são o *corpus* da pesquisa.

Foram realizadas pesquisas em diversas redes sociais, em busca de páginas que incentivem a guerra feminina, entre elas: Facebook, Instagram, Twitter, Youtube. Nessas redes foram levantados alguns dados fundamentais e realizada uma análise de conteúdo.

Breve panorama sobre o belo

A palavra estética vem do latim *aesthesis*, que significa sensibilidade. Sabemos que o pioneirismo do estudo da estética, enquanto disciplina filosófica, veio de pensadores gregos. Ela tem como objeto o estudo (e comparação) daquilo que é belo, além de abranger questões artísticas (criação, ideia central da obra, relação das matérias etc). É uma ciência autônoma que possibilita a contemplação e diferenciação entre a apreciação do belo e do feio. Contemporaneamente, a questão da beleza está enfatizada no pensamento e nos gostos da pessoa que a vê, dependendo, portanto, de valores, contextos e momentos históricos.



Geralmente, o conceito de estética estudado era fundido à lógica e à ética. Para Platão, o belo existia em si, a partir de uma essência ideal, independente do gosto das pessoas. O belo não pode ser alcançado pelo homem, pois é uma ideia perfeita presente no mundo das ideias (inteligível). Esse pensamento foi o “pensamento-chave” de muitas pessoas, incluindo filósofos, durante o século XVII.

Aristóteles defendia que a beleza dependia de uma harmonia entre as medidas e suas proporções no todo. A beleza também contaria com a grandeza (imponência). Em crítica a Aristóteles, Plotino relaciona o belo a mais do que um conjunto em harmonia, e sim à elevação da alma, ao âmago do ser, além do que se pode ver.

Emmanuel Kant, no século XVIII, se oporia a esse fato argumentando que a beleza está entre a relação da pessoa com o objeto, sendo guiada pelo prazer. Logo, o belo não seria “enxergado” por aqueles que não foram educados para tal compreensão.

Por fim, para Hegel a cultura constrói uma visão de mundo. Então, a beleza se reflete no gosto e desejos de cada um. Nós julgamos belo aquilo que nos agrada, a partir de uma visão particular do mundo.

Mudança de padrões, o valor está na relação

A Era Paleolítica foi um dos períodos mais importantes para o homem, em que ele se apoderou do fogo e passou a utilizar certos materiais para a confecção de utensílios. Houve então uma intensa mudança de hábitos daqueles que viviam nesse período. Deu-se início ao nomadismo, à melhoria de um processo de aperfeiçoamento da comunicação, ao aprendizado, à utilização do fogo para a alimentação e o aprimoramento de armas para a defesa da tribo.

Durante esse período nota-se uma grande diferença na preferência geral das pessoas daquele período para o contemporâneo: os homens gostavam de mulheres mais “cheinhas”. A Vênus Paleolítica é a grande prova disso, uma escultura rechonchuda, encontrada há mais de 28 mil anos, era a grande representante do ideal feminino para os “homens da caverna”. É também chamada de Vênus de Willendorf, e consiste em uma escultura de apenas 11 cm que era usada em rituais de fertilidade em que os homens achavam que seria propícia para a procriação. Havia a preferência por mulheres dotadas de mais curvas, porque os homens achavam que, assim como a “deusa”, estas seriam mais férteis, aumentando a probabilidade de terem um filho que se tornasse líder futuramente.



Na Grécia Antiga, o padrão de beleza consistia em um corpo esbelto já observado nas estátuas. Os padrões começaram a sofrer impactos a partir do século XX, momento em que as mulheres foram inseridas de maneira mais efetiva na sociedade, passando a desempenhar papéis nas indústrias da época. Nas décadas de 20 e 30, o foco estava em vestimentas retas que disfarçassem as curvas, principalmente seios e quadril, e cabelos curtos com foco no corte *La Garçonne*, acompanhando as transformações sociais nas funções do sexo feminino. As décadas de 40 e 50 tem ênfase em corpos voluptuosos com seios e quadris fartos. Um ícone de beleza e *sex symbol* dos anos 50 foi a atriz Marilyn Monroe. Na década de 70, a magreza foi bastante difundida, inspirada pela modelo Twiggy. Por volta do fim dos anos 80 e início dos 90, o mundo estava voltado para as modelos altas, magras e sem curvas exageradas.

Nós, homo sapiens Sapiens, fomos relegados à padronização excessiva e à rotulação exacerbada por indivíduos que decidem julgar o que é bonito e o que é feio. A mudança desde os primórdios da sociedade são enxergadas pelo avanço da inteligência humana. Entretanto, ultimamente percebe-se um grande regresso quando o assunto é “beleza feminina”. Antigamente, os homens das cavernas faziam uso da força bruta como ferramenta de conquista de uma mulher, ou seja, geralmente submetiam-se a lutas físicas contra algum homem que a desejasse também. Essa disputa era uma ação irracional e muito se assemelhava à disputa pelo sexo oposto que se dá no reino animal/selvagem. Hoje, o contrário surpreende e choca: a disputa entre mulheres por motivos fúteis se faz fortemente presente num país evoluído que se considera “extremamente pacífico e seguro”.

A partir disso, nota-se a inversão de valores de uma sociedade regada pelo culto à imagem e pelo narcisismo escancarado. O incrível acesso à informação a que estamos sujeitos fez e faz com que surjam novos conceitos, assim como os velhos se moldem conforme o pensamento da população. É essa rápida troca de informações que cria padrões, provoca pessoas contra outras, persuade, e, por fim, liga-se indiretamente à incitação da violência.

De acordo com os estudos em comunicação, afirma-se que a palavra constitui o produto da interação do locutor com o ouvinte, isso é, é preciso que haja relação entre os indivíduos, pois a beleza é encontrada a partir da dinâmica de interação de sujeitos. Essas relações podem ser das mais diversas formas, harmoniosas ou não. Nos casos



apresentados neste artigo, há a relação vítima-culpado e a relação provocador-provocado.

O desenrolar de determinada ação se dá mediante a situação. Podemos enxergar isso diante da análise da performance das garotas agredidas, em que os fins são semelhantes. No entanto, o desenvolver de cada história é diferente, instituições de ensino diferentes, em cidades diferentes, o modo como se portaram para que chegasse a esse ponto foi diferente. Todas essas peculiaridades das situações determinaram o que aconteceria com cada uma e como se daria sua conclusão.

A cada ato que cometemos, transcendemos nossa individualidade e, conseqüentemente, afetamos o próximo, provocando uma série de relações entre interlocutores que serão guiados pelas ações do próximo em determinado contexto. Entra-se aí no campo do direito, sob a famosa frase “seu direito termina onde o meu começa”, que é um trato de comum acordo que rege a sociedade. Esse pacto defende que um direito terá seu fim assim que invadir o direito de outrem, e a quebra desse trato resulta em um amplo leque de acidentes.

Beleza x Feiúra, as distinções de Umberto Eco

Ocorrem inúmeras transformações no processo de evolução do conceito e padrão de beleza, de modo que épocas distintas da história fossem caracterizadas por ideais de estética totalmente divergentes. Entretanto o conceito de beleza é guiado majoritariamente pela condição da relação estabelecida entre os sujeitos, ou seja, pelo juízo de valor atribuído pelo observador. Quando se tem uma relação agradável, tranquila, boa, a aparência estética é vista com olhos amenos, que não detectam a feiura identificada naqueles com quem o observador mantém relações problemáticas.

Essa tese é mantida por Umberto Eco (2007, p. 12) em trechos de seu livro *História da Feiura*, ao sustentar que “muitas vezes, as atribuições de beleza ou de feiura eram devidas não a critérios estéticos, mas a critérios políticos ou sociais”. Trecho que exemplifica essa tese é: “para um ocidental, uma máscara ritual africana poderia parecer horripilante - enquanto para um nativo poderia representar uma divindade benévola (...)” (2007, p. 10). O conceito do belo depende de fatores sociais, culturais, ideológicos, políticos, históricos e principalmente temporais. Logo, não é um dado absoluto.

Os sinônimos do belo costumam provocar uma sensação de apreciação desinteressada, enquanto os sinônimos da feiura são recebidos com desprezo,



provocando uma reação de repulsa e até nojo. Desse modo, vê-se a intenção das agressoras de ofender as vítimas. Elas procuram tornar a beleza que provoca apreço em feiura que desperta repulsa.

Em entrevista dada a Edney Silvestre, o escritor, filósofo, linguista e semiólogo italiano Umberto Eco (2007) cita um problema sobre a beleza: “vamos tornar o inimigo feio”. Ao se referir desse modo, é incitada a transformação não literal da aparência daquele que julga ser seu inimigo ao alterar os conceitos de feiura para que aqueles que não lhe agradam tornem-se feios e não mais encaixados aos padrões de beleza vigentes até então. Eco cita os judeus como exemplo, que, por serem opositores, passam a ser representados como feios.

A beleza vai além de considerar determinado elemento agradável. Ele também abrange o sentimento de querer ter, de modo que, para as agressoras, a beleza estética caracterizasse não apenas um incômodo, mas também um possível desejo de assim o ser (ECO, 2004).

A beleza enquanto valor gerador de ódio

Valor é um conjunto de características de alguém ou algo, que irá determinar a forma como uma pessoa irá se comportar ou interagir com outros indivíduos ou objetos. A palavra valor pode ter vários significados, como mérito, validade, consideração, princípios etc. Por outro lado, os valores são características morais inerentes à pessoa, como a humildade, a responsabilidade, a piedade e a solidariedade. Portanto, os valores humanos são valores morais e éticos que acabam por afetar a vida das pessoas.

A beleza, enquanto valor, torna-se negativa quando as pessoas, principalmente garotas, tomam-na como parâmetro de comparação. As mulheres, movidas pelo ódio, acabam fazendo com que umas maltratem as outras, ou seja, abusam da força para tornar as feições de outra menina feia. Infelizmente, vem sendo frequente essa exclusão e incitação ao ódio, pois há vários meios que acabam por influenciar as meninas a cometerem delitos. Então, é importante enfatizar e disseminar bons exemplos na sociedade, a fim de se transmitirem valores positivos para o pacifismo entre as gerações.

Enquadramento das ocorrências de violência motivadas pela beleza

O enquadramento tem os nomes Gregory Bateson e Erving Goffman como maiores idealizadores do conceito. A ideia foi originalmente proposta por Bateson, que



“busca explicar como as interações ancoram-se em quadros de sentido que moldam as interpretações e ações dos atores envolvidos” (MENDONÇA E SIMÕES, 2012, p. 188). “O enquadramento possibilita identificar as regras e as instruções que orientam determinada situação e o envolvimento dos atores nela” (MENDONÇA E SIMÕES, 2012, p. 189).

Bateson distingue níveis na comunicação verbal. O nível metacomunicativo envolve elementos que vão definir a relação estabelecida entre os interlocutores e então balizar interação entre eles. Segundo Mendonça e Simões (2012, p.188), na visão de Bateson “todo enquadre é metacomunicativo e toda metacomunicação define um enquadre”.

Erving Goffman passa a trabalhar com o enquadramento e se torna mais associado ao termo que o próprio idealizador Bateson. Segundo Goffman, a partir do enquadre pode-se compreender uma situação, e responder a pergunta “o que está acontecendo aqui?”. Desse modo, pode-se analisar inúmeros processos comunicativos, e é isso que iremos fazer neste trabalho. E define *frame* “como o conjunto de princípios de organização que governam acontecimentos sociais e nosso envolvimento subjetivo neles”. (2012, p. 189)

Goffman sustenta que há muitos acontecimentos em uma situação. Desse modo, pode existir mais de um quadro, construindo uma sobreposição de quadros. Isso é visto na prática, no caso das meninas que apanham por serem bonitas demais, sendo identificadas uma série de acontecimentos em uma situação. Dentro da situação das interlocutoras, tem-se o *footing*, que consiste no posicionamento adotado pelos interlocutores dentro da interação. Esse *footing* pode sofrer transformações, de acordo com o discurso. No caso do trabalho, serão posturas de ataque e defesa. É importante ressaltar a adaptabilidade do termo a diferentes objetos.

Casos de agressão motivados pelo ódio à beleza

Os objetos deste trabalho consistem em dois casos de agressão motivados pela beleza que mais receberam destaque na mídia no ano de 2014. As vítimas agredidas são Júlia Apocalipse e Ágatha Luana Roque, ambas menores de idade, de escola estadual, do Estado de São Paulo. Os dois casos envolveram graves agressões e precisaram ser resolvidos com o auxílio da polícia, de modo que levantaram discussões acerca do assunto em programas televisivos e matérias em sites da internet.



Os casos consistem na comprovação do desprezo pela beleza por parte de uma parcela da sociedade, de modo que atuem como propulsores de mais do que conflitos verbais, mas também físicos. Estes costumam ser, em grande parte, bastante danosos. Isso é confirmado nos dois casos analisados, em que a violência gerou traumas intensos nas jovens vítimas. Pode-se notar que situações assim começam a surgir e a receber destaque na mídia. As ocorrências, objeto do trabalho, não são as únicas agressões do gênero, mas certamente foram as que mais geraram discussões e, conseqüentemente, divulgação. Há mais casos que não recebem tanta atenção no Brasil, assim como nos demais países.

Caso Júlia Apocalipse

O caso que obteve maior repercussão na mídia ocorreu em Sorocaba, São Paulo. Em 9 de setembro de 2014, a adolescente Júlia Apocalipse, 13 anos, estudante da 7ª série, filha de Débora Apocalipse e Jairo Pereira Apocalipse, foi agredida na Escola Estadual Hélio Del Cístia, no Jardim São Guilherme, na zona norte da cidade, por uma agressora, de 16 anos, que não teve seu nome divulgado e que é desconhecida para a vítima que só a viu no dia da ocorrência.

Júlia conta em entrevista ao Tem Notícias, telejornal da TV Tem, afiliada da Rede Globo da região de Sorocaba, que já havia recebido ameaças pelo aplicativo de mensagens instantâneas Whatsapp, no dia 5 de Setembro. Naquele momento, a agressora avisava que iria atrás da menina na terça-feira. Contudo, a jovem não levou as mensagens a sério e as ignorou, bloqueou a agressora e deletou os registros da conversa.

A agressora esperou a adolescente na saída da escola, acusou-a de ser “metida” e exigiu que Júlia se ajoelhasse no chão e pedisse desculpas. Após a ordem ser negada, a jovem de 16 anos desferiu o primeiro soco. Foi com a frase “quero ver quem vai te querer agora, quero ver você ser bonita agora” que se deram os demais socos e pontapés na vítima, a fala da agressora confirma a frase presente na entrevista de Umberto Eco: “(...) vamos tornar o inimigo feio (...)”, e assim caracteriza uma tentativa literal de consolidar o conteúdo da sentença. Essa sentença indica o modo como a beleza de Júlia provocava incômodo, desconforto de maneira tão intensa, que resultou em uma agressão física.

A jovem não obteve socorro no início da briga, e ainda conta que algumas meninas impediam os demais de prestar socorro ou apartar. Por fim, a jovem desmaiou,



e só então pôde ser ajudada. Ela ainda afirma que havia inspetores da escola que apenas observaram a briga e não tomaram nenhuma atitude. Consequência da brutalidade: Júlia perdeu dois dentes e precisou passar por uma cirurgia na arcada dentária, além de apresentar vários hematomas no rosto.

Devido ao trauma, Júlia passou a dormir com a mãe nos dias subsequentes à agressão, frequentar psicólogos e também não concluiu o ano escolar. Em 2015, ela foi transferida para outra instituição de ensino, já que não tem condições psicológicas de permanecer na escola atual. A intenção da família é matriculá-la em uma escola particular, já que acreditam que ela não estará segura em uma escola pública. Após o caso, a adolescente recebeu mensagens hostis que afirmavam que ela “merecia apanhar”, o que faz com que ela acredite que, caso ocorra alguma nova agressão, ela não receberá amparo.

Valores identificados no caso de Júlia Apocalypse

Segundo a professora Vera Regina Veiga França (2012, p. 10), (...) os valores indicam preferências intersubjetivamente partilhadas e definem certos bens como mais atrativos que outros (...). Esses valores nortearão o comportamento e as interações dos indivíduos em determinado meio e definirão os processos comunicativos, sendo indissociáveis da ação do indivíduo no mundo. Segundo Pierre Livet (2012, p. 11), os valores atuam na ação e intervenção do mundo. Desse modo, conclui-se que a ação das interlocutoras é proveniente de seus valores.

Na condução das ações das agressoras pode-se traçar quadros do que é atuante na vida social do contemporâneo, como a super valorização da estética e da beleza por parte de Júlia, a ponto de, após a agressão, ela pedir por um espelho para poder conferir o resultado da agressão. A própria jovem afirma a estima que tinha por sua beleza, fortalecendo o papel que a aparência tem em sua vida. Outro valor identificado vem a partir de uma acusação da agressora de que um discurso racista teria sido proporcionado por Júlia ao chamar uma amiga de seu algoz de “macaca”, insulto geralmente utilizado pra depreciar a cor de um indivíduo.

Do outro lado, tem a agressora com valores fundamentados na violência e brutalidade já recorrente em suas ações, visto que a mesma já tem uma passagem pela polícia por envolver-se em conflitos do gênero. Identifica-se uma noção de que o apelo para as agressões físicas é uma ferramenta para a solução de problemas. Outro valor



identificado é um certo desprezo pela beleza, que motivou a violência cometida a Júlia Apocalipse.

Enquadramento aplicado ao caso de Júlia Apocalipse

O enquadre, que é metacomunicativo, ou seja, envolve elementos que definem a própria relação estabelecida entre as duas interlocutoras, permite que se identifique o tipo e a natureza da interação no combate entre Júlia Apocalipse e a agressora, e também a organização de uma situação e as regras que vão orientar as ações dos participantes. A interação entre elas é um conflito violento. Inicialmente a agressora procura tirar satisfações com Júlia, e tem como resultado uma briga.

O caso envolve uma sobreposição de quadros. Um dos quadros consiste na acusação feita pela agressora ao alegar que a vítima supostamente foi dona de um discurso racista ao chamar sua amiga de “macaca”, e usar essa ofensa como causa para “tirar satisfações” com Júlia e, conseqüentemente, agredi-la. Outro quadro é gerado pela agressão física cometida pela jovem de 16 anos a Júlia e, por conseguinte, seus hematomas e machucados resultados da violência. Os quadros seguintes envolvem as posições das interlocutoras quanto à agressão, relacionando o *footing*, posição dos sujeitos em determinada situação, que consiste no ataque por parte da agressora e de defesa por parte de Júlia.

Caso Ágatha Luana Roque

Esse caso aconteceu na cidade de Limeira, interior de São Paulo. A estudante Ágatha Luana Roque, 15 anos, é filha da vendedora Edineia de Marco e do jornalista José Carlos Roque Júnior. Ela foi agredida na manhã do dia 9 de setembro de 2014, por duas colegas de classe, com idade de 14 e 15 anos (ambas não tiveram seus nomes divulgados) na Escola Estadual Castelo Branco, situada na Vila São Cristovão, em Limeira, São Paulo.

Em entrevista ao programa *A tarde é sua*, da emissora Rede TV, Ágatha relatou que as ameaças começaram desde que ela ingressou no colégio. Segundo a vítima, esse problema se iniciou na biblioteca da escola, onde as adolescentes a olhavam e debochavam. Quando as ameaças passaram a ser violentas, ela relatou aos pais e à diretoria do colégio. Como a diretoria se mostrou omissa, o pai, José Carlos, passou a



buscar a filha no colégio. No entanto, a agressora se mostrava hostil, e alegou que “não tinha medo de seu pai”.

Um pouco antes da agressão, uma colega de Ágatha avisou que a futura agressora tinha interesse em conversar com ela no intervalo, para se desculpar e resolver toda a questão que as envolvia. Todavia, não foi o que aconteceu. A jovem relata que assim que entrou na sala, a agressora e uma amiga pularam em cima dela. Uma das agressoras dava socos, pontapés e unhas, enquanto a outra portava uma tesoura e tentava cortar o cabelo de Ágatha. Somando-se a isso ainda havia amigos da agressora em vários pontos da sala e da escola tentando filmar a garota sendo agredida. Apenas um colega fez menção de separar a briga, porém um círculo se fechou em torno das garotas, na tentativa de que ninguém pudesse separá-las, até que a agressora tivesse feito o que queria com a garota. Os vídeos foram divulgados pelo aplicativo de mensagens instantâneas Whatsapp.

Como consequência da agressão, Ágatha foi diagnosticada com traumatismo craniano, mas foi liberada ao verem que a mesma não corria riscos. A agressora de 14 anos ficou detida na Fundação Casa, ela já tinha registros parecidos. A outra, de 15 anos, foi liberada, pois alegou tentar apartar a briga. A diretoria não se pronunciou a respeito do caso. Já a mãe de Ágatha, Edineia, afirma que no dia da agressão a diretoria disse que a jovem merecia ser agredida, pois não tinha uma “boa criação”, porque seus pais são divorciados. Posteriormente, a diretoria divulgou que uma das agressoras será transferida para outra unidade de ensino. Edineia afirmou também que procurará outra instituição para a filha.

Valores no caso de Ágatha Luana Roque

A beleza é um valor cultuado na sociedade contemporânea, e acabou por despertar raiva em outras garotas, possivelmente causada pela inveja. Como a agressora já tinha registros de casos parecidos (agressões), notamos que a violência é comum para ela. Um fato que influencia também no comportamento delas é o desleixo de sua mãe ao não chamar atenção da filha em relação à sua atitude. Consideramos aqui também o conservadorismo da diretoria da instituição de ensino, ao afirmar que Ágatha merecia apanhar por causa da condição atual de seus pais.

Enquadramento aplicado ao caso de Ágatha Luana Roque



A partir do enquadre, é possível identificar que a natureza da interação de Ágatha e suas agressoras é considerada agressiva. O caso conta com uma sobreposição de quadros em que a jovem já vinha sofrendo bullying ao ser motivo de deboche para algumas colegas - no período anterior à agressão. Outro quadro é constituído pela omissão da diretoria da instituição. Os demais quadros são caracterizados pelas posturas adotadas pelas envolvidas no conflito.

Páginas da internet que incitam o ódio e a guerra feminina

Casos de incitação de ódio feito por mulheres contra as mesmas são encontradas em todos os tipos de rede social, seja pelo Facebook, Instagram, Twitter e até mesmo no Youtube. O maior e principal meio dessa “geração de ódio” por meio da beleza é o Facebook. Páginas como “Oi Linda” têm mais de 1,1 milhão de seguidores, e é uma página voltada ao público feminino. Ela faz uso da imagem de uma boneca, a Barbie, que traz consigo frases fortes, como: “Oi, linda. Quem fala o que quer leva o soco que não quer”. A foto ao fundo é sempre de uma boneca machucada, descabelada e suja, demonstrando que alguém vai sofrer agressão física. Isso, infelizmente, encoraja meninas a atacarem as outras. Outras frases como “Oi linda, te vi atravessando a rua hoje, mas fiz o que qualquer um faria: Meti o pé no acelerador”, ou até mesmo “Oi linda, olha o que vai acontecer se você conversar com meu namorado”, com uma foto da mesma boneca com uma faca e outros bonecos cortados cheios de sangue, fazem menção maléfica. A página também abusa do uso da ironia e sarcasmo em postagens como “Oi linda, não é porque tentei te sufocar com o travesseiro ontem que quero que você morra. Não confunda as coisas tá? Bjs da miga”. Além dessa página que incita ódio, existem muitas outras, mas com menor relevância, como exemplo a página “Recalque de Piranha é FODA”.

O Instagram é uma rede social que possui apenas a função de postar fotos. Por lá também encontramos frases desrespeitosas de mulheres contra as mesmas. “OLHA SÓ KIRIDINHA” tem mais de 151 mil seguidores, com aproximadamente 1.850 publicações. “Comece o ano com o salto direito na cara das inimigas”, “Não faço questão de ser simpática com quem eu não gosto” e “Toma cuidado, kirida, eu tenho uma boa mira” são postagens encontradas nessa página. Essas mensagens vêm sobrepostas a uma foto da atriz Audrey Hepburn, que tem feições de pessoa elegante.



Isso nos leva a crer que as mulheres querem se sentir melhores que as outras por meio do escárnio.

O Twitter é uma página na rede social em que os internautas possuem somente 144 caracteres para poder escrever o que desejarem. Por meio do perfil das pessoas ou das chamadas hashtags⁵, encontramos as postagens de qualquer indivíduo do Twitter. Nessa página há hashtags muito violentas como: "vamos matar", "merece apanhar" ou até "merece morrer". São postagens bastante ácidas, que acabam também por provocar a individualidade do outro.

Por fim, há o Youtube, que é um portal de vídeos. Por lá são postados mais de milhares de vídeos por mês. Nele há casos de agressões contra mulheres, o que continua a estimular meninas a fazerem o mesmo. Vários casos de violência não são publicados, pois as meninas não têm esse intuito. Elas querem mesmo é machucar alguém, sem precisar mostrar para todo mundo. Nessas quatro redes sociais, o público alvo e grande consumidor é o público jovem.

Considerações Finais

Com este artigo, pode-se concluir que a beleza sofreu inúmeras mudanças no decorrer do tempo, mas sempre foi considerada como um valor positivo e enobecedor. Atualmente, a mesma constitui-se como um valor que pode ser gerador de repulsa e ódio, e em casos extremos, resultar em agressões. Vide as ocorrências de Júlia Apocalypse e Ágatha Luana Roque. Esses casos foram dissecados e analisados profundamente, com base em autores da comunicação e suas teorias, passando por sua atuação na interação, constituindo sua performance que é fator vital no desenvolvimento dessa interação, nos valores das interlocutoras envolvidas nos casos e como estes definem sua atuação. Também foi feito o enquadre das situações que constituem uma sobreposição de quadros e diversas posturas das envolvidas.

O trabalho também demonstra como algumas páginas na internet estimulam a violência, majoritariamente entre as mulheres jovens, de modo que posicionem todos os seres do sexo feminino como adversárias a serem vencidas em uma competição selvagem, e são essas discussões que nos trazem à tona a diferença elementar entre

⁵ **Hashtag:** "Palavra ou frase que precedida pelo símbolo # que classifica ou categoriza o texto que o acompanha (como em um tweet). Primeira citação: 2008.



“Beleza” e “Feiura” que, com frequência constante, acabam por serem utilizados como juízo de valor. Esse artigo serviu também para relatar e mostrar como se dão as relações interacionais entre as demais adolescentes na internet e como estas têm potencial destrutivo para as mesmas, podendo inclusive incentivar novos casos de agressões físicas acarretadas pela beleza.

Além disso, ainda houve um momento de reflexão com relação à autoimagem feminina, devido aos ocorridos que nos deixaram perplexos e chocados. Desse modo, pode-se ter contato com a natureza das agressões, com o modo como elas se dão, como são estimuladas e influenciadas pelas redes sociais e quais são suas peculiaridades sob o viés comunicacional.

Referências

- ECO, Umberto. **História da Beleza**. Editora Record: Rio de Janeiro, 2004.
- _____. **História da Feiura**. Editora Record: Rio de Janeiro, 2007.
- FRANÇA, Vera Regina Veiga. A TV e a dança dos valores: roteiro analítico para tratar da relação entre televisão e sociedade In: **Mídia, instituições e valores**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.
- _____. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? **Ciberlegenda**, n.5, 2001.
- MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães. Enquadramento: Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.27, n.79, jun/ 2012.
- SCHECHNER, Richard. O que é performance? In: **Performance Studies: an Introduction**, 2ª edição. New York & London: Editora Routledge, 2006, p. 28-51.
- Brasil Escola**. A estética na filosofia de Platão e Aristóteles. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/filosofia/a-estetica-na-filosofia-platao-aristoteles.htm>>
- Espaço Acadêmico**: A Estética e a Questão do Belo nas Inquietações Humanas. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/046/46cvale.htm>>
- Estética**. Teoria Platônica da beleza. Disponível em: <<http://coisasdeestetas.blogspot.com.br/2010/04/teoria-platonica-da-beleza.html>>
- G1. Globo**. Jovem agredida em escola de Sorocaba diz que perdoa a agressora. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2014/09/jovem-agredida-em-escola-de-sorocaba-diz-que-perdoa-agressora.html>>



G1. Globo. Estudante agredida diz à polícia que agressora queria desculpa de joelhos. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2014/09/estudante-agredida-diz-policia-que-era-para-ajoelhar-e-pedir-desculpas.html>>

G1. Globo. Menina agredida em colégio estudará o resto do ano em casa, diz mãe. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2014/10/menina-agredida-em-colegio-estudara-o-resto-do-ano-em-casa-diz-mae.html>>

G1. Globo. Menina de 13 anos é espancada dentro de escola em Sorocaba, diz pai. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2014/09/menina-de-13-anos-e-espancada-dentro-de-escola-em-sorocaba-diz-pai.html>>

G1. Globo. Agressora diz que menina que “apanhou por ser bonita” xingou amiga. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2014/09/ela-chamou-minha-amiga-de-macaca-diz-suposta-agressora.html>>

Gente que Educa. Os Padrões da beleza ao longo do tempo. Disponível em: <<http://www.gentequeeduca.org.br/planos-de-aula/os-padroes-de-beleza-ao-longo-do-tempo>>

História da estética. Grécia. Disponível em: <<http://historiadaestetica.com.sapo.pt/extdocs/grecia.htm>>

O Globo. Não me sinto segura para voltar para escola. Colegas dizem que mereci agressão. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/nao-me-sinto-segura-para-voltar-escola-colegas-dizem-que-mereci-agressao-13957046>>

Significados. Significado de beleza. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/beleza>>

Uol. Por ser bonita estudante é espancada em escola de Limeira. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2014/04/09/por-ser-bonita-estudante-e-espancada-em-escola-de-limeira-sp.htm>>